

**XII Encuentro de Geógrafos de América Latina – EGAL  
Universidad de la República**

**Título:**

**Neogênese – Neofomações Difusoras de Diversidade e Qualidade Ambientais à Totalidade Urbana**

**Sub-área temática:**

**Dinamica Urbana**

**Autores:**

**Prof. Dr. Milton Esteves Junior – Arquiteto Urbanista**

[m.estevesg3@gmail.com](mailto:m.estevesg3@gmail.com)

(27) 88040068

**Adriana Gomes Maia – Arquiteta Urbanista**

**Daniela Coutinho Bissoli – Arquiteta Urbanista**

**Universidade Federal do Espírito Santo**

Av. Fernando Ferrari 514

Campus Goiabeiras, Vitória – ES

CEP – 29060-900

Fone: (27) - 33357808

**APOIO INSTITUCIONAL**

**Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq**

**Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior - CAPES**

**Fundo de Apoio à Ciência e Tecnologia - FACITEC / Pref. Munic. de Vitória**

## PARÂMETROS INICIAIS

*O mundo não vai superar essa crise atual com os mesmos critérios que criaram essa situação (Albert Einstein).*

Na era da produção flexível regida e gerida pela lógica global, as cadeias produtivas transnacionais transcendem ao âmbito das localidades, às peculiaridades geológicas e sociais, às pré-existências e ao futuro dos lugares que as abrigam. Isso se agrava ainda mais ao produzirem situações paradoxais que estigmatizam o território, seja por vocação, seja por arbitrarismo, à condição de *centralidades* e ao, mesmo tempo, de *periferias*, quando servem, respectivamente, de pólos geradores de benefícios materiais e imateriais e de meros campos operacionais para os “serviços sujos” da produção e seus fluxos; de *portais* e, simultaneamente, de *terminais*, respectivamente, porque são adaptados para servirem de elos entre produção e mercado e porque estão distantes dos centros empresariais e de negócios geradores de capital, para onde convergem tais benefícios que se convertem em qualidade de vida.

Enquanto os países considerados *desenvolvidos* comemoram o progresso da era pós-industrial, os que remanescem são iniciados no período industrial, somatizando os efeitos de tais paradoxos: situam-se no limiar entre o local e o global; dividem as sobras da produção e devem responder pela degradação ambiental provocada por esta; assistem à evasão de seus recursos naturais e suas riquezas materiais; acolhem dispositivos produtivos, infra-estruturais e logísticos (portos, rodovias, ferrovias etc.) que esgotam e/ou anulam a capacidade das instalações urbanas; aturam o crescimento acelerado isento de condições de habitabilidade e de ambientes apropriados à convivência social; assistem ao desenvolvimento desequilibrado gerador de segregação social e à conseqüente falência dos valores éticos; abrigam enormes exércitos de mão-de-obra barata ou desempregada, aos quais fica cada vez mais difícil o acesso às oportunidades de uma vida digna.

Importantes explorações econômicas nos atuais pólos de desenvolvimento têm destinado vultosos investimentos, a fim de sediar grandes empreendimentos industriais e equipamentos infra-estruturais e logísticos. Se, por um lado, tais investimentos apontam para novas expectativas de desenvolvimento econômico, por outro pressupõem agravamento de diversos problemas sociais e ambientais. Não se vêem anunciadas medidas destinadas a atender o desenvolvimento humano ou as condições de habitabilidade com a mesma intensidade. Tais práticas não correspondem ao desenvolvimento desejável, uma vez que seus bônus evadem para as contas empresariais vinculadas ao capital globalizado, enquanto seus ônus correm por conta das localidades, obrigadas a arcar com os encargos da desigualdade e segregação sociais, da deterioração ambiental, da proliferação de subúrbios etc.

O processo de metropolização de diversas regiões do Brasil tem implicado a localização de setores industriais, portuários e de estocagem que vêm construindo ambientes desagradáveis e inóspitos. Mesmo que dependam da urbe – a qual justifica sua produtividade e pode otimizar seu funcionamento – e compartilhem espaços ligados à essência urbana, tais instalações costumam ser preferenciais nos projetos voltados ao planejamento territorial, os quais priorizam os setores da economia produtiva e as instalações que lhes prestam serviços, deixando em segundo plano atividades humanas e urbanas ancestrais como morar, conviver e transitar.

Apesar de visíveis e incisivas, essas ações problemáticas parecem não provocar as devidas e necessárias reações por parte dos diversos atores e agentes responsáveis pela gestão territorial e pela própria vivência urbana. E apesar da abrangência e magnitude

dos efeitos de tais ações, parecem não provocar ressonâncias na busca de respostas adequadas a diversas indagações que elas deflagram: como diagnosticar as novas configurações territoriais resultantes das atuais cadeias produtivas da economia global? Como mapear tais configurações de modo a permitir-nos compreender, documentar, diagnosticar e, sobretudo, dominar os seus efeitos? Como enfrentá-los com intervenções estratégicas que garantam o desenvolvimento e a governança citados? Giuseppe Cocco e Gerardo Silva (2006) complementam com outras questões: "Como estimular e materializar redes de cooperação condizentes com as exigências competitivas dos arranjos produtivos locais? Como favorecer a inovação"?

Essas questões demandam medidas curativas e preventivas tanto na escala metropolitana quanto nos interstícios das mais simples localidades; exigem procedimentos eficazes que vão desde a sistematização de um arsenal teórico-conceitual, passando por estratégias de percepção e cognição, até chegar à etapa das operações processuais, ou seja, de propostas para inferências no território.

### **PARÂMETROS CONCEITUAIS**

Longe de limitar-se a uma visão catastrófica a respeito das configurações territoriais e do urbanismo contemporâneos e seus complexos problemas socioambientais, este projeto alimenta-se antropofagicamente das potências desses fatores para superá-los. Alimenta-se, também, da cultura urbana na sua capacidade de concentrar recursos intelectuais, tecnológicos e materiais. O desafio maior é valorizar a vocação projetual na busca de intervenções que vençam tantos conflitos e recuperem os valores urbanísticos, a capacidade de governança e a própria urbanidade desejáveis ao território e à vida de seus habitantes.

Buscamos objetivos e metas muito claros: elaborar repertório conceitual para diagnosticar, analisar e expressar as novas configurações territoriais decorrentes dos dispositivos inerentes e indispensáveis à produção flexível; diagnosticar e mapear os efeitos das dinâmicas de produção sobre as bases econômicas e culturais das localidades, avaliando seus impactos no ambiente físico e social e na qualidade de vida dos habitantes; identificar as principais infra-estruturas que dão suporte às dinâmicas produtivas do território, a fim de localizar os nós de convergência, as linhas de força, os vetores de expansão e os obstáculos que se interpõem ao desenvolvimento equilibrado da região; formular estratégias projetuais centradas na dinamização das cadeias produtivas e dos corredores de serviços, convertendo-os em corredores dinâmicos de atividades urbanas; realizar estudos propositivos voltados ao reordenamento territorial de modo a potencializar os centros atratores de atividades produtivas, comerciais e de serviços, revertendo seus benefícios aos interesses das comunidades e das localidades.

Por meio da fusão indissolúvel entre teoria, prática, diagnósticos e prognósticos, este projeto reúne produção de conhecimento com capacidade de inferência no território; busca estratégias que evitem situações de conflito, de exclusão social e de irrupção dos sistemas ambientais (físicos e sociais); investiga meios que possibilitem o desenvolvimento compatível aos condicionantes regionais e aos anseios dos habitantes locais; busca mecanismos alternativos que superem os falidos modelos desenvolvimentistas submissos à direção do Estado e às prioridades da grande indústria; rechaça a ineficiência de tais modelos que estimulam o crescimento sem desenvolvimento, inconcebíveis em face da dinâmica de crescimento urbano e da extensão dos problemas que eles próprios impõem ao território.

Ao enunciar o postulado da subordinação, Deleuze (1985) afirma que se o poder estiver atrelado ao aparelho de Estado, estará irremediavelmente subordinado aos modos de

produção e às infra-estruturas. Apesar de inadmissíveis, tais modelos continuam subordinados aos empreendimentos parasitários que negam as pré-existências, que eliminam contextos urbanos tradicionais e costumam ser mais influentes na definição dos destinos do território do que seus próprios moradores e gestores. Contra tal panorama, este projeto propõe um conjunto de "políticas públicas" (lato senso) voltado ao desenvolvimento local/regional endógeno. Isso transcende à desejável redução da pobreza e pressupõe meios que conciliem desenvolvimento com crescimento econômico, que estejam voltados à eliminação da desigualdade e, conseqüentemente, à equiparação das oportunidades para qualidade de vida digna para a totalidade social. Propõe a criação de ambientes favoráveis à convivência harmoniosa entre os arranjos produtivos globais/locais desde os macro aos micro empreendimentos e, também, entre as instalações destes com os lugares da vida cotidiana cidadina. Propõe que essa criação seja objeto e objetivo de programas voltados à organização e expansão das forças produtivas do território.

### **PARÂMETROS TERRITORIAIS**

Uma das preocupações prioritárias deste projeto está na forma fragmentária com que o território contemporâneo tem sido ocupado, fazendo com que seus estratos restem dispersos, espalhados e atomizados em pequenas parcelas. Os efeitos dessa fragmentação se agravam pelo crescimento desordenado de assentamentos urbanos e/ou rurais, constituídos por verdadeiras ilhas de morar, de produzir, de circular ou de armazenar – geralmente comprometidos pela carência de urbanidade.

Os tecidos físico-territoriais resultam da somatória, por sobreposição ou justaposição, de estratos que reúnem fragmentos de um sistema (mais ou menos) organizado, aqui denominados *peles* e agrupados em três categorias: *pele natural* – superfície geológica ou topológica original; *pele infra-estrutural* – camada composta por grades funcionais de serviços e fluxos; e *pele supra-estrutural* – que é a própria arquitetura da cidade. A somatória dessas *peles* caracteriza a urbe, mesmo quando uma ou mais delas estejam invisíveis, imperceptíveis ou ausentes. Qualificamos distintamente os diversos tipos de configuração urbana (formais ou informais, normais ou subnormais, urbanas ou suburbanas) pela maneira como essas *peles* se acomodam: premeditada ou espontaneamente; adequada ou conflitivamente; hierarquizada ou anarquicamente; complementar ou suplementarmente.

Incessantes ações e transformações cotidianas sobre o território têm provocado imprevisíveis reações e visíveis cicatrizes em sua configuração. Suas *peles* estão sujeitas a impactos causadores de tecidos dilacerados, esgarçados e mal cicatrizados, de *peles* hipertrofiadas marcadas por um desenvolvimento que provocou um aumento de tamanho, de consistência e de complexidade, mas não da conveniente quantidade e qualidade de células necessárias à composição de uma rede de tecidos saudáveis. Esse processo não pode ser considerado intratável, e muito menos combatível com placebos; ao contrário, demanda tratamentos curativos e medidas preventivas que sejam eficazes e atendam a totalidade urbana.

### **PARÂMETROS PROJETUAIS**

*Neogênese* é a terapia proposta por este projeto para combater essa espécie de *hipergênese*<sup>1</sup>, bem como a tantos outros problemas aqui citados, como: fragmentação urbana; polarização desequilibrada de serviços; oferta e distribuição não igualitárias de oportunidades etc. Entendemos a dificuldade que a compreensão do conceito “totalidade” pressupõe, mas acreditamos que a pretendida qualidade ambiental não pode ser alcançada em istmos. Do mesmo modo que uma pele hipertrofiada não pode ser

recuperada por meio de células isoladas, rechaçamos tanto as intervenções que priorizem apenas aos valores formais quanto os projetos pontuais, limitados a pequenas glebas ou a conjuntos de pequenos lotes dispersos onde instalar alguns equipamentos urbanos ociosos e edifícios desconexos ou inadequados. A consciência de que os principais problemas locais não se limitam à esfera das células habitacionais propriamente ditas conduz nossas propostas em direção à habitabilidade e complementaridade urbanas. Caso contrário, estaríamos repetindo o ideal capitalístico funcionalista de projetar “ilhas da fantasia” que, apesar de inseridas na cidade, se isolam dela: uma formatação recorrente na cidade formal e burguesa que em nenhuma hipótese nos serve de modelo paradigmático. Deleuze (1985) afirma que o funcionalismo corresponde a uma topologia moderna e não mais às fontes de poder, e que o poder é local porque nunca é global, mas ele não é local nem localizável porque é difuso.

A *Neogênese* compõe-se de um extenso conjunto de forças que se alimenta dos instrumentos produtores de diversidade urbana existentes no próprio território, no qual se espalham distintas funções de modo rizomórfico para permitir-lhe somatizar a condição de metrópole e concretizar o pretendido desenvolvimento<sup>2</sup>. A *Neogênese* foi concebida para funcionar como sonda que se infiltra nos interstícios urbanos, não para retirar ou drenar aquilo que lhe caracteriza, mas, sim, para injetar aquilo que lhe falta; como um cateter emissor de qualidade urbana. Além de permitir a complementaridade, a *Neogênese* garante flexibilidade ao território, adaptando-se à diversidade de situações que a vida na metrópole pressupõe; garante, também, mobilidade aos habitantes, assegurando-lhes acesso às citadas complementaridade e diversidade somente encontrável na totalidade urbana.

Ao invés de alisar o território, como o fizeram e fazem as instalações logísticas e produtivas, a *Neogênese* se aproveita do alisamento que estas já realizaram para produzir capilaridades; ao invés de estender ou multiplicar as redes logísticas monofuncionais, tidas como simples correspondência entre conjuntos de funções, a *Neogênese* se aproveita de tais instalações e de suas inegáveis vantagens em termos de mobilidade, complementaridade e fluxos. Além de combater a segregação conflitiva entre assentamentos urbanos e conjuntos funcionais (dispositivos produtivos e logísticos), a *Neogênese* os agrega e associa para aperfeiçoar a distribuição de serviços e atividades vitais à urbe nos seus mais diversos poros, rugas e interstícios, a fim de disseminar seus benefícios na totalidade urbana. Diferentemente das instalações urbanas perenes, sobretudo as que estão mal localizadas, subaproveitadas e ociosas, a despeito dos altos custos de instalação e manutenção, a *Neogênese* assume um caráter híbrido, flexível, móvel, mutante e transformista, injetando no território aquilo que lhe falta no momento em que lhe interessa. Assim, independentemente de hierarquizar e separar as peles constituintes do território, a *Neogênese* as incorpora, irradiando as vantagens de cada uma delas e associando-as às demais. Os efeitos progressivos dessa neoformação deverão proliferar-se no combate às anomalias do crescimento incontrolado do tecido urbano.

Ao admitir um caráter flexível e mutante, a *Neogênese* adapta-se às diversas localidades e assume tantas funções quantas forem necessárias, impedindo a reprodução de ambientes pré-configurados e estanques, que condicionam os hábitos dos habitantes. Seus componentes móveis contemplam atividades produtivas, instalações esportivas, salas de aula, bibliotecas, instalações laboratoriais e ambulatoriais, equipamentos de apoio ao turismo qualificado, dentre outras. Seus componentes fixos garantem não apenas a mobilidade e a flexibilidade dos componentes móveis como, também, reúnem uma série de instalações imprescindíveis, tais como: condução de redes infra-estruturais

para serviços de saneamento ambiental (água, esgoto, lixo); redes captadoras, geradoras e transmissoras de energia limpa; redes de transportes intermodais (agregadas às redes rodoviárias existentes) etc. Desse modo, a *Neogênese* se equipara ao que Guattari (1992) chamou de novo recentramento dos modos de existência em coletividade que requer mobilização de todos os componentes da cidade subjetiva, coerentemente à condição dos seres humanos contemporâneos, fundamentalmente desterritorializados e destinados a um nomadismo generalizado.

O caráter flexível e mutante da *Neogênese* rejeita a pré-configuração ambiental, para assumir formas, funções, características e localizações necessárias e desejáveis. Componentes móveis (móveis e *drops*) contemplam atividades produtivas e de serviços, lazer, ócio, cultura, esportes, saúde etc.; componentes fixos garantem mobilidade aos componentes móveis e associam redes de saneamento ambiental, de transportes intermodais, de captação, geração e transmissão de energia limpa etc. Centrada nos agentes do desenvolvimento, na diversidade urbana e no caráter público dos espaços públicos, esta proposta rejeita o urbanismo impositivo em defesa do urbanismo positivo e unitário, a exemplo do ideário da Internacional Situacionista:

O Urbanismo Unitário não é uma concepção da totalidade, não deve chegar a sê-lo. É um instrumento [...] que está no centro de uma construção da totalidade de um entorno. Não se pode pensar em determinar e dominar um tipo de vida mediante esta visão teórica, nem sequer mediante sua aplicação. Isso seria uma espécie de dogmatismo idealista. A realidade, mais complexa e rica, compreende todas as relações desses tipos de vida e de seus cenários. Aí está o terreno à medida de nossos desejos atuais. É o terreno em que devemos intervir.

A criação coletiva de um urbanismo unitário está naturalmente baseada em uma concepção de totalidade. Mas se confundirmos isso com uma atividade [específica] que compreenda a totalidade, estaremos superando seus poderes reais e condicionando-a à inatividade. O urbanismo unitário deverá estar no centro de nossas preocupações ou não acontecerá.<sup>3</sup>

Desse modo, a *Neogênese* enaltece o transcendente papel da urbe para a vida cotidiana dos humanos, liberando-os da submissão e promovendo-os como agentes enunciadores de subjetividades de modo a conferir sentido, significado e significância ao território e garantir vida digna aos habitantes. Sublima, assim, o que Guattari (1992) define como uma nova ordem objetiva e mutante, uma nova poesia ou arte de viver que poderá nascer do atual caos em que nossas cidades se encontram.

## **PARÂMETROS LOCAIS**

Do extenso território abarcado pela Região Metropolitana da Grande Vitória do estado brasileiro do Espírito Santo (mapa), foram escolhidos os municípios de Vitória e de Serra por sintetizarem exemplos de importantes pólos do desenvolvimento e, conseqüentemente, as vicissitudes, virtudes e potências dos territórios contemporâneos que estão na gênese deste projeto, tais como: configuração urbana dispersa, estruturada em pequenas parcelas monofuncionais que perfazem enormes áreas periurbanas; a capital e seu "vizinho rico" concentram capacidade produtiva, administrativa e econômica, provocando polarização de investimentos, serviços e oportunidades desde o âmbito local ao macro regional e estadual; concentração de instalações que provocam confrontos entre o habitat e seus modos de vida, entre as áreas de expansão urbana e os remanescentes naturais, entre os enclaves configurados pelos dispositivos produtivos, infra-estruturais e logísticos e as atividades habitacionais, de lazer e de turismo. Dentre essas instalações, destacam-se grandes empreendimentos como: a Companhia da Vale

do Rio Doce (CVRD); a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST); os Centros Industriais de Vitória (CIVITs 1 e 2); os Terminais Industriais Multimodais (TIMs); as instalações portuárias de Tubarão e Praia Mole e Porto de Vitória; as rodovias BR101 e ES 10; a Estrada de Ferro Vitória a Minas; e o aeroporto de Vitória, entre outros.



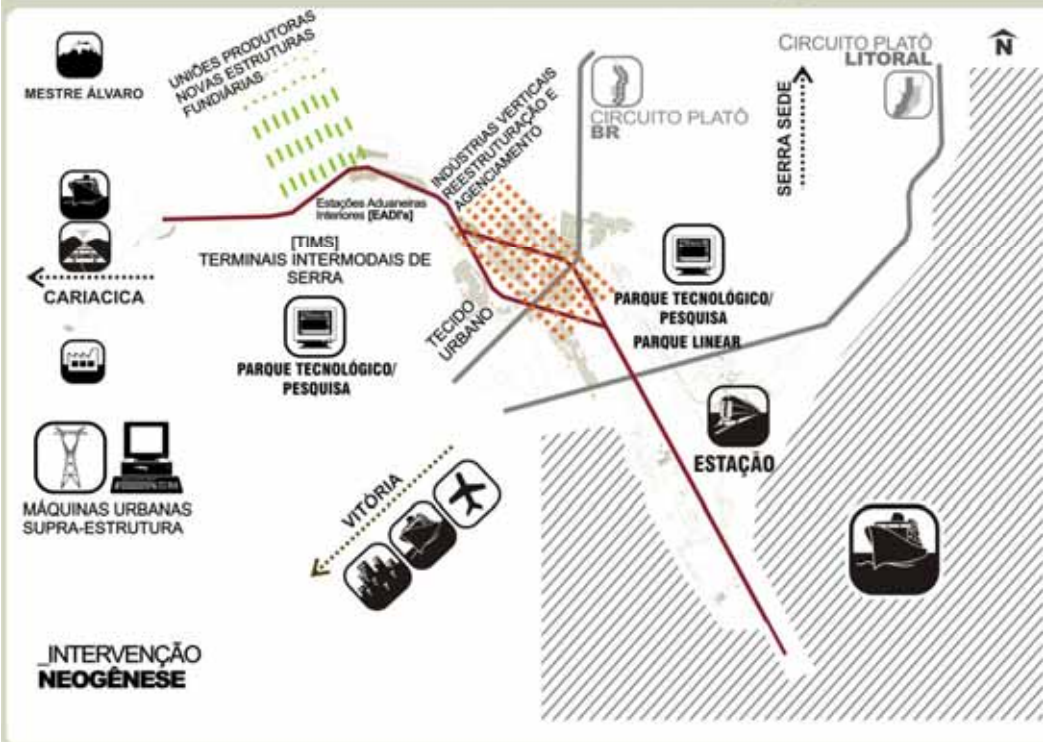
O caráter invasivo da *Neogênese* e sua intenção de progressivamente tornar-se uma rede que abranja a totalidade do território nos levaram a conceber sua origem a partir de longas linhas que denominamos eixos neogenéticos, instalados segundo uma criteriosa escolha de pré-existências territoriais claramente constituídas. Diversos exercícios de vivência nutriram nosso repertório cognitivo, crítico e perceptivo com o do próprio território. Derivas, perambulações, visitas, passeios, leituras verbais, mapas cognitivos e levantamentos iconográficos revelaram as presenças topológicas mais marcantes das bases territoriais, e nos permitiram elaborar uma estratigrafia bastante sensata sobre os lugares em que deveríamos atuar. Essa seqüência definiu as diversas unidades ambientais por onde instalar os tais eixos iniciadores dos processos neogenéticos, que foram agrupados em duas principais categorias: eixos ao longo das redes infra-estruturais e logísticas e eixos que contornam ou permeiam áreas de proteção ambiental em processo de invasão e/ou deterioração.

A completa instalação de cada eixo configurará uma seqüência de platôs. "Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs." (Deleuze e Guatarri, 2004, pg. 33). O inevitável cruzamento deles definirá locais estratégicos para a implantação de "plataformas de interseção", preparadas para a transposição e inter-relação de suas instalações e componentes, permitindo a retroalimentação de suas diversas funções. Dentre as diversas unidades ambientais identificadas no território pesquisado, selecionamos para esta apresentação apenas quatro, as quais determinaram os primeiros platôs do trabalho situados no município de Serra: Platô lacustre (ou Jacunem); Platô metal-mecânico; Platô litorâneo; e Platô Mestre Álvaro / BR101.

## PLATÔ METAL MECÂNICO

### ESTRATIGRAFIA

- Importantes plataformas logísticas de âmbito macrorregional impõem fluxos e ritmos alheios aos interesses locais;
- Eixos rodoferroviários (BR-101/Contorno, EFVM) provocam profundas cicatrizes nos tecidos urbanos;
- Plantas industriais e siderúrgicas de grande escala acumulam operações fora de sintonia com os setores residenciais;
- Instalações industriais, portuárias e retroportuárias produzem espaços funcionais descontínuos e grandes vazios que dividem e segregam assentamentos urbanos;
- Setor habitacional de alto padrão contrasta com inúmeros bairros suburbanos inacabados;
- Conflito entre atividades poluentes e áreas de proteção ambiental;
- Destituição da importância simbólica de legados culturais e patrimoniais por abandono.



### INTERVENÇÃO NEOGÊNESE

\_Vetor rodoferroviário onde a Neogênese instala inúmeros reforços aos eixos de movimentação e deslocamentos, multiplicados ao longo de seus percursos de modo sobreposto ou subterrâneo e acrescidos da circulação de Móviles; meta-sistemas de alta cinética deverão conferir fluidez e rapidez aos serviços de transporte de cargas e de passageiros sem conflitos entre eles e sem interferências nos fluxos de pedestres e ciclistas;

\_Conjunto Habitacional André Carlone, cuja monotonia e repetitividade serão totalmente transgredidas por sucessivos processos de esvaziamentos e preenchimentos que se desdobrarão em diversas ações multiplicadoras de caráter participativo dos habitantes;

\_Zonas retroportuárias e industriais subutilizadas, com baixa densidade edilícia e dispersora de serviços urbanos se converterão em base territorial para instalação de condomínios industriais e portuários verticalizados capazes de proporcionar novas cadências produtivas em instalações menos extensivas e muito compactas, sujeitas a vetores de alta cinética;

\_Zonas rururbanas rarefeitas e pouco produtivas serão convertidas em Pixels – Unidades Produtivas Multiplicáveis – e ecovilas voltadas aos agonegócios, numa nova estrutura fundiária de cinética baixa voltadas às habitações rurais diretamente relacionadas à alta produtividade, estocagem e beneficiamento da produção hortifrutigranjeira, bem como aos vetores de deslocamentos de cinética alta;

\_Plataformas siderúrgicas para transbordamento, estocagem e beneficiamento de produtos minerais em parques tecnológicos criados para elaborar produtos metalúrgicos das mais diversas espécies, como: estaleiros, fábricas de veículos, de máquinas e móveis urbanos, de containers, de vagões ferroviários etc.

\_Plataformas logísticas off-shore e portos flutuantes servirão como extensão dos portos de Praia Mole e Tubarão.





## PLATÔ LITORÂNEO \_ESTRATIGRAFIA

- Falta de continuidade e integração entre os municípios de Vitória e de Serra pelo litoral devido;
- Conflitos entre pele supra-estrutural e pele natural provocados por assentamentos urbanos e suas redes infra-estruturais que não respeitam, praias, falésias, sistemas aquíferos em fundos de vales etc.;
- Sistema viário complexo, mal dimensionado e não-contextualizado ocasiona sobreposição de fluxos de diversas escalas e velocidades, gerando conflitos entre rodovias/vias locais e entre pedestres/veículos;
- Assentamentos urbanos dispersos e precários provocam ambientes insalubres;
- Insuficiência e inadequação das instalações de apoio ao lazer, ócio e turismo em longa faixa litorânea;
- Inexistência de programas para controle de fontes poluidoras e de saneamento ambiental comprometem o meio ambiente e a balneabilidade das praias;
- Ausência de estratégias políticas voltadas à proteção ambiental e à geração de recursos energéticos motivam esgotamento das reservas naturais e desperdícios do potencial econômico.

## \_INTERVENÇÃO NEOGÊNESE

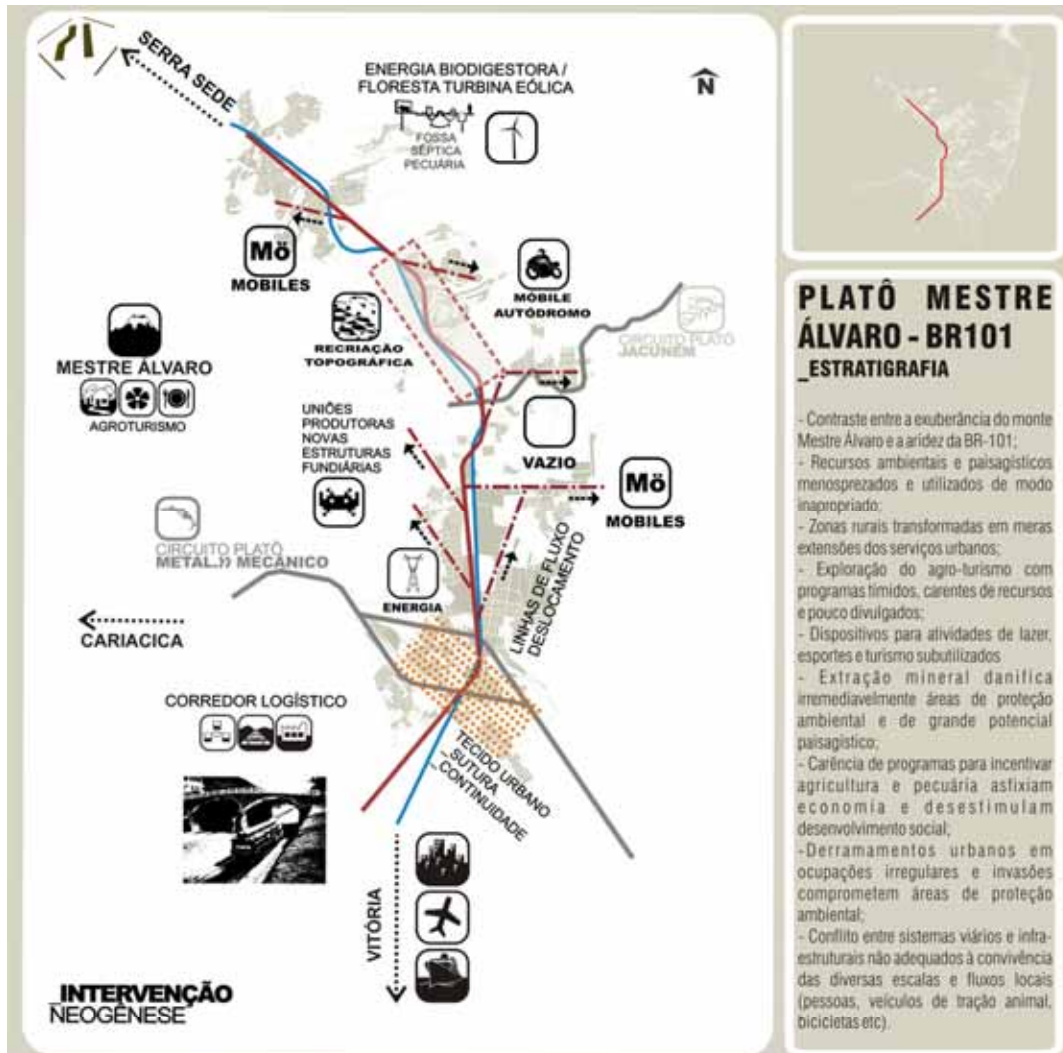
Para promover a convivência adequada entre vida cotidiana, lazer, turismo e meio ambiente, bem como a integração da malha urbana fragmentada e dispersa, a Neogênese atuará em alguns pontos nevrálgicos ao longo do litoral e criará instalações estratégicas:

\_Parque marinho: inserções no mar para estabelecer um contato neogenético entre terra e água e reforçar o sentido de lazer e turismo proposto neste platô; linhas de fluxo para o deslocamento de Móviles preparados para o transporte de pessoas na forma de VLT's – Veículos Leves sobre Trilhos – que deverão resgatar a interconexão entre os tecidos urbanos de Vitória e de Serra pelo litoral – e de VLA's – Veículos Leves Anfíbios (monotrilhos que trafegam na superfície terrestre e em ambientes subaquáticos);

\_Fazendas marinhas: plataformas marítimas de cultivo de peixes e frutos do mar, acessadas por Móviles que se conectam a Drops marítimos e, também, por quaisquer embarcações convencionais;

\_Quebra-mar: plataformas em águas calmas que abrigam escola náutica, estruturas pneumáticas de cultivo, piscinas salgadas, ilhas de corais artificiais e plataformas para circulação de pessoas e para geração de energia por sistema maré motriz.





## PLATÔ MESTRE ÁLVARO - BR101 \_ ESTRATIGRAFIA

- Contraste entre a exuberância do monte Mestre Álvaro e a aridez da BR-101;
- Recursos ambientais e paisagísticos menosprezados e utilizados de modo inapropriado;
- Zonas rurais transformadas em meras extensões dos serviços urbanos;
- Exploração do agro-turismo com programas tímidos, carentes de recursos e pouco divulgados;
- Dispositivos para atividades de lazer, esportes e turismo subutilizados
- Extração mineral danifica irremediavelmente áreas de proteção ambiental e de grande potencial paisagístico;
- Carência de programas para incentivar agricultura e pecuária asfixiam economia e desestimulam desenvolvimento social;
- Derramamentos urbanos em ocupações irregulares e invasões comprometem áreas de proteção ambiental;
- Conflito entre sistemas viários e infra-estruturais não adequados à convivência das diversas escalas e fluxos locais (pessoas, veículos de tração animal, bicicletas etc).

### INTERVENÇÃO NEOGÊNESE

Importância da rodovia pressupõe prioridades:

- Equilibrar as velocidades e os fluxos dos diversos modais de transportes;
- Destazer nódulos provocados por desvios, cruzamentos e justaposições de circuitos;
- Estabelecer sutura nas peles supra-estruturais, esgarçadas e estriadas por seu envolvimento com a rodovia;
- Separação para as vias de circulação pesada e fluxos locais: cinética alta e passagem livre para os transportes de massa (fluxo alheio à localidade), cinética moderada e fluxos distributivos para o trânsito regional; cinética lenta e apreensão do movimento para o trânsito local (moradores e usuários das circunvizinhanças);
- Cinética rapidíssima para passageiros e cargas com circuitos neogenéticos relacionados ao Modal Aéreo do Aeroporto de Vitória e aos portos de Tubarão e Praia Mole;
- Diversos dispositivos de transposição e convivência através de Móviles e Drops humanizando espaços inanimados e equilibrando as relações entre Vazio Urbano/Cheio Industrial;
- Diversos equipamentos para gerar e reciclar energia, agregados às linhas coletoras de recursos recicláveis, garantindo auto-suficiência e distribuição para as localidades;
- Nova estrutura fundiária em Pixels – Unidades Produtivas Multiplicáveis – evitarão pulverização, fragmentação e desarticulação dos solos rurais, estimulando a produtividade, o turismo rural, a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desnecessário confirmar que, tal como denominado por Harvey (2004), o fluxo universal de urbanização massiva, com todos seus efeitos, são irreversíveis e definirão o futuro da humanidade e a qualidade da própria civilização. Sabe-se que 80% da população mundial vivem nas cidades. No começo do século XX, eram apenas 7% quando somente 16 cidades situadas em países “desenvolvidos” contavam com mais de 1 milhão de habitantes. No século XXI, já são mais de 500 cidades com mais de 1 milhão de habitantes; 4 delas passam dos 20 milhões; cerca de 20 passam dos 10 milhões e em sua maioria estão situadas nos países em vias de desenvolvimento. Sabe-se, também, que é preocupante o caso das cidades brasileiras, cujos índices de áreas irregulares variam entre 50% e 80%, enfrentando patologias como: concentração de problemas sociais e de insalubridade ambiental; proliferação de zonas funcionais estéreis; segregação centro/periferia regida pelo poder capitalístico-cognitivo; superpopulação; escassez territorial; déficit habitacional e inadequação de programas para habitações populares. Considerando-se que 80% da população brasileira vivem em cidades, que 80% destas encontram-se em situação subnormal e que 20% das áreas urbanas consideradas formais encontram-se em péssimo estado de conservação, não é difícil presumir o futuro das metrópoles brasileiras, caso não encontremos soluções urgentes para tais patologias.

Parece tão arriscado enunciarmos respostas concretas e precisas a essas questões quanto perigoso acomodar-nos ao predomínio da precariedade, marca evidente de nossas cidades e cujos efeitos, associados aos do subdesenvolvimento, evoluem numa proporção muito maior do que a das soluções. Por priorizarmos a busca dessas soluções, preferimos conduzir nossas pesquisas de modo a destacar o poder do projeto. Entendermos que uma das melhores atribuições dos profissionais da arquitetura e do urbanismo está na capacidade de inferência sobre o território. Tratamos de encarar essa capacidade como cumplicidade responsável ao adotarmos um discurso consciente aliado a uma qualidade prospectiva à altura dos problemas contemporâneos. Segundo Gausa (1996), o caráter propositivo da manipulação de uma pesquisa sobre o território não pode ser entendido apenas como uma ação intencional sobre a realidade mas...

[...] como uma capacidade reestruturadora dos próprios dados que engendra. Uma manipulação que, neste caso, faria alusão ao mesmo processo de seleção, hierarquização, agrupação e reformulação que devem estar ulteriormente expostas na obra. Todos os planejadores compartilham uma convicção: a necessidade de uma postura crítica e decidida diante da fragilidade das condições em que se inscreve o atual exercício do que podemos chamar de Arquitetura. Uma posição -analítica e simultaneamente propositiva- que acredita na eficácia da conjunção exploração / seleção / manipulação / estruturação / formalização como formulação definitiva de todos os projetos e, portanto, como uma possibilidade de ação -e de incidência- sobre um espaço fugitivo sujeito, cada vez mais, a um excesso de relações ampliadas drasticamente pelos sistemas de comunicação e informação, um espaço onde as tradicionais distinções entre cidade, natureza e território foram perdendo seus valores seculares, para converterem-se em geografias mistas, progressivamente ambíguas, equívocas e mestiças. (Gausa, 1996, pg.10, tradução nossa).

Por tudo isso, concebemos nossa proposta com uma dimensão comparável à dos problemas das metrópoles contemporâneas, o que implicou em não abrimos mão da utopia entendida como um lugar que ainda não existe; da virtualidade como situação que existe em potência; da ficção como atributo imprescindível à criatividade, à



inteligência e ao idealismo que estão na raiz de todas as artes. Concebemos nossas propostas com os critérios das obras abertas, contrárias ao urbanismo impositivo e a favor do urbanismo positivo. Lutamos por uma vida digna que inclua e realize a Arte e, conseqüentemente, negamos o papel de utopistas, que perseguem o impossível, para assumirmos o de utopianos, que elaboram projetos concretos, a fim de liberar o possível.

Não existem utopias possíveis porque todas as condições necessárias à sua realização já existem. Elas são desviadas para servirem à manutenção da ordem atual, ordem fundada em um absurdo tão terrível que é realizada às cegas, sem que ninguém se arrisque, nem sequer posteriormente, a formular uma teoria.<sup>4</sup>

Nossa proposta pretende causar mudanças estruturais na urbe contemporânea e transcender a entropia (medida de desordem de um sistema já desordenado). Recusamos projetos atópicos (fora de um lugar e um tempo reais) ou distópicos (anomalias de referenciais anômalos). Rejeitamos a concepção dogmática de totalidade e lançamos um projeto político (relativo à polis e aos negócios públicos) em favor da construção de um entorno adequado à vida real. A realidade que está sobre o terreno é mais rica do que qualquer cenário, é a medida de nossos desejos atuais e o lugar onde toda a sociedade deve intervir. Assim, com a *Neogênese* pressagiamos novas estruturas vivenciais (e não simplesmente alegóricas) para uma sociedade, uma cultura e uma cidade independentes da tecnocracia e das classes dirigentes. Defendemos um novo tipo de globalização: a do exercício da cidadania com equidade e honradez para toda a sociedade, entendida na globalidade que esta requer.

[...] o que deve prevalecer para aqueles que se dedicam ao ato de criação do ambiente da vida coletiva é o uso responsável de pressupostos que permitam à obra de arte a grandeza das obras políticas, que não são de natureza estética mas de natureza ética. O que se espera são projetos que estruturam belas cidades, entendendo-se que o belo não se encontra na superficialidade topológica do lugar e sim nos espaços que são justos e coerentes com as virtudes e os desejos dos seus habitantes. Um belo projeto urbanístico só deixará de ser utópico (no sentido de algo fantasioso e irrealizável) se conseguir superar as injustiças da dominação de uma classe sobre as demais, se eliminar as assimetrias sociais e econômicas que administram a escassez. (Esteves, 2003, pg.38)

Preferimos propor uma realidade desejada, mesmo que inexistente, sobre a já existente ao invés de projetar espaços ideais ou cidades virtuais para habitantes irreais. Fazemos uso do lado positivo da utopia que se lança sobre a realidade concreta de modo a resolver os desafios e problemas do presente, vislumbrando um futuro promissor e uma vida digna para a totalidade social. Acreditamos que desejos hedonistas de encontrar alternativas mais justas para o futuro do urbanismo e de seus habitantes não podem e não devem continuar estigmatizados como fruto da ficção nem restringir-se ao universo da utopia. Para que tais desejos se convertam em realidade, depende, em grande medida, da qualidade da inferência resultante dos projetos urbanísticos e, ainda mais, da vontade política por parte dos responsáveis pela complementaridade qualificada de nossos espaços públicos.

## REFERÊNCIAS

Cocco, G. e Silva, G (orgs). – *Territórios Produtivos: Oportunidades e desafios para o desenvolvimento local*. Rio de Janeiro; DP&A. 2006.

Deleuze, G. – *Foucault*. São Paulo; Brasilense. 1985.

Deleuze, G. e Guattari F. – *Rizoma*. México; Premia. 1983.

\_\_\_\_\_ – *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, Vol 1. São Paulo; Ed. 34. 2004.

Esteves M. J. (2003) – Da realidade do planejamento fragmentista à utopia do Urbanismo Unitário: o medo e o cuidado dos urbanistas na hora da projeção urbana. In: *Panoramas Urbanos: reflexões sobre a cidade*, Esteves M. e Uriarte U. M. (orgs). Edufba, Salvador.

Guatarri F. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. São Paulo; Editora 34. 1992.

Gausa M. (1996) – *Metropolis > Metapolis: Noves mapificacions per a la ciutat contemporània*. In: Revista Cuaderns 213, 10-17.

Harvey, D. (2004) – *Mundos urbanos posibles*. In: *Lo Urbano en 20 autores contemporáneos*. UPC, Barcelona.

*International Situationniste - 1958-69*. Van Gennep, Amsterdã. 1970.

---

#### NOTAS

1- Hipergênese: desenvolvimento anormal de um elemento anatômico; hipertrofia. ETIM hiper-+-gênese. Cf. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

2- Rizomórfico: a modo de rizoma, metáfora utilizada por Gilles Deleuze e Félix Guattari para designar um modelo acêntrico não ordenador e não hierárquico, portanto oposto às concepções arbóreas. Na introdução de *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia* os autores afirmam que um rizoma não começa nem termina, sempre está no meio, entre as coisas. Diferentemente da árvore que remete à filiação, o rizoma implica aliança; enquanto a árvore impõe o verbo "ser", o rizoma desenraiza esse verbo para tecer conjunções. Antes de estabelecer relações localizáveis e unidirecionais que ligam um ponto a outro, o rizoma pressupõe torrentes de movimentos que inter-relacionam ampla expansão de entramados em todas as direções.

3- Anônimo Situacionista: "Discussion sur un appel aux intellectuels et artistes revolutionnaires". Boletim IS nº3, Dezembro 1959, p24. In *International Situationniste - 1958-69*. Van Gennep, Amsterdã, 1970 (tradução nossa).

4- Anônimo Situacionista: "Du role de l'IS". Boletim IS nº7, Abril 1962, p18. In *International Situationniste-1958-69*. Van Gennep, Amsterdã, 1970 (tradução nossa).